

MUSICOGRAFIA BRAILLE: um relato de experiência na EMUFRN

Jaime Gomes da Rocha

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

jaime_baixista@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Durante nossa formação no curso licenciatura em música na UFRN, é exigido o cumprimento de uma quantidade "X" de horas cursadas em disciplinas optativas. A priori, a intenção foi cursar a disciplina Musicografia Braille I apenas para cumprimento dessa carga horária. No decorrer das aulas sem dar conta, aquele pensamento pré-estabelecido, naturalmente começou a ser deixado de lado, dando lugar de fato ao interesse de conhecer mais do sistema braile e da sua proposta de ensino para pessoas com deficiência visual. Portanto, esta pesquisa trata da minha experiência vivenciada durante a disciplina de Musicografia Braille I na Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

18

OBJETIVO GERAL

Apresentar um relato de experiência acerca da aprendizagem da notação musical em braile na disciplina Musicografia Braille I.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever as atividades vivenciadas na disciplina Musicografia Braille I;
- Relatar os materiais utilizados na transcrição da notação em braile.

MATERIAIS E MÉTODOS

Logo nas primeiras aulas iniciei o processo de transcrição, embora de forma simples, a atividade foi um desafio pelo fato de ser uma escrita musical diferente da escrita tradicional em tinta. Nas aulas seguintes iniciamos a transcrições de músicas folclóricas de fácil melodia. Percebi que o processo de transcrição da notação em braile não era tão complicado como imaginava. Uma atividade que me chamou a atenção foi a “gincana do braile”. Esta atividade teve como objetivo proporcionar uma prática com os diversos meios de transcrição. Inicialmente tivemos que transcrever utilizando o brailito, em seguida a utilização da reglete e punção e por fim o software Musibraille.

Entre os materiais utilizados durante as aulas podemos relacionar o livro Introdução a musicografia braile da autora Dolores Tomé e o Manual Internacional de Musicografia Braille. Confesso que não esperava gostar tanto da disciplina, mas me identifiquei com a simbologia e com a forma de escrita dessa notação.

19

RESULTADOS E CONCLUSÕES

Foi um grande desafio, pois no início das aulas a dificuldade em compreender todos aqueles sinais era perceptível, em contra partida a vontade de querer aprender superou grande parte das dificuldades. Apesar dessas dificuldades, esse primeiro contato que tive com a musicografia braile foi extremamente fundamental para minha formação tanto pessoal como profissional. Acredito que essa disciplina proporciona uma formação para o educador musical caso ele se depare com um aluno com deficiência visual. Hoje minha visão em relação ao musicografia braile é bem diferente, penso que está sendo um avanço sem precedentes na educação musical do nosso país e que tem tudo para crescer mais ainda.

REFERÊNCIAS

MOTA, Maria Glória Batista da (Coord.). **Novo manual de Musicografia Braille**. União Mundial de Cegos, Subcomitê de Musicografia Braille. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2004.

TOMÉ, Dolores. **Introdução à musicografia Braille**. São Paulo: Global, 2003.